

Função Materna: O Início Psíquico da Vida

Por Carlos Colect

Nos primeiros meses de vida, o bebê não se reconhece como um ser separado. Está em simbiose com quem cuida – geralmente a mãe. É nesse momento que a função materna atua com maior intensidade, sendo fundamental para a formação da confiança básica no mundo e na própria existência.

Segundo Freud, esse é o período da fase oral, em que a principal zona erógena é a boca e onde o prazer está relacionado ao ato de se alimentar e ser cuidado. Erik Erikson, por sua vez, define essa etapa como o dilema entre confiança vs. desconfiança. A base da saúde emocional começa aqui: o bebê precisa experimentar que o mundo responde às suas necessidades. Quando sente fome, frio ou dor, precisa encontrar uma presença confiável que o acolha.

O documentário de Harvard sobre desenvolvimento infantil mostra que, nessa fase, o bebê vive a dinâmica do dar e receber. Ele dá expressões, gestos, sons — e precisa receber de volta um olhar, um gesto, um toque. A reciprocidade emocional nesse jogo primitivo é a semente da regulação afetiva, da confiança e da esperança.

A função materna, portanto, não se resume à figura da mãe biológica. Ela diz respeito à presença sensível e responsiva que sustenta emocionalmente a vida psíquica em formação. A ausência dessa função — mesmo que o corpo esteja presente — pode gerar adultos incapazes de lidar com angústias básicas, de confiar nas relações e de nomear seus próprios afetos.

Contudo, na sociedade contemporânea, não vivemos apenas a ausência, mas o excesso da função materna. Em muitos contextos, há um prolongamento indevido da sustentação, em que a mãe continua tentando suprir todas as necessidades do filho, mesmo quando o tempo já exige separação e autonomia.

Esse excesso impede a entrada da função paterna — que simboliza o terceiro, o limite, a lei, a frustração necessária ao crescimento. O resultado são adultos emocionalmente frágeis, que não sabem lidar com o "não", com o tempo de espera, com o desejo não satisfeito. Pessoas que vivem sob o império da emoção crua, sem espaço psíquico para elaborar raiva, ódio ou tristeza.

A função materna precisa começar intensa e presente, mas também saber ceder lugar ao novo, à alteridade, ao mundo. Cuidar é também permitir que o outro cresça e enfrente a vida com estrutura interna.

A base do afeto está no início da vida. Mas o afeto que não amadurece vira prisão emocional.